Tradução, revisão, formatação: Comunidade **RTS – ORKUT**:



FEITIÇO DE AMOR

Charlene Teglia

(conto sobrenatural)

Capítulo um

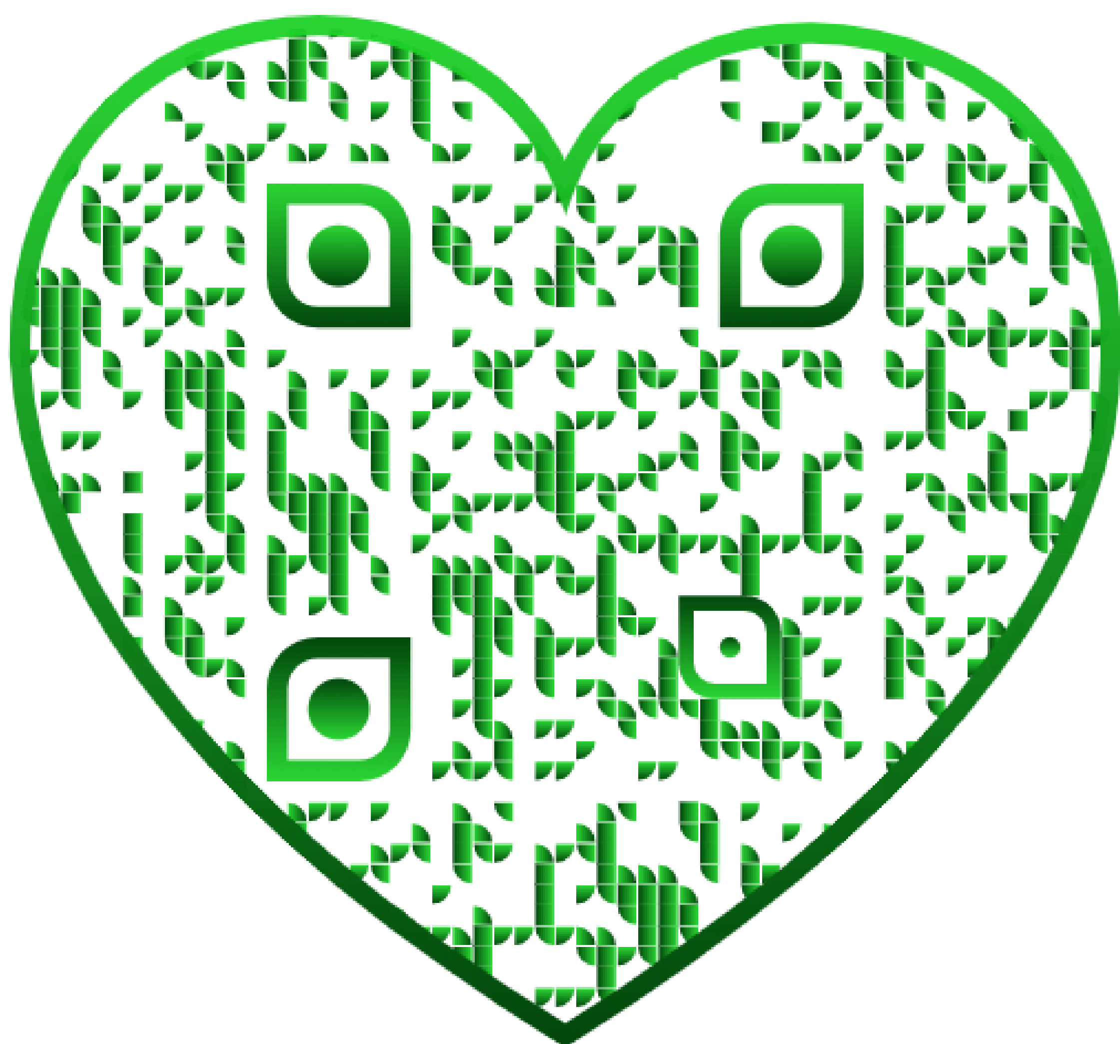
Tinha que deixar de vê-lo.

Lucy Wilson mordia o lábio inferior enquanto jogava as cartas de tarot em Cruz Celta. Não esperava que as cartas lhe dissessem nada. Não era boa com as cartas. Tampouco era boa com a magia das velas e tinha deixado de usar o athamé quando se cortou com ele.

Não se podia dizer que fosse uma bruxa no verdadeiro sentido da palavra. E Mitch Davis era só mais um exemplo de uma longa série de coisas que não lhe saíam bem.

Não queria mais enfrentar tanto fracasso em sua vida. Não desejava abandonar a magia, mas devia deixar de ver Mitch.

O sol da manhã começou a filtrar-se pelas cortinas, clareou o piso de carvalho dourado de sua cozinha e iluminou as cartas que tinha deixado sobre a mesa da cozinha com um suave raio de luz. Estava usando seu maço preferido,





o tarot infantil, e as ilustrações de contos de fadas que lhe eram familiares a fizeram sorrir.

Como era previsível, em sua tiragem aparecia o diabo na posição do presente e os amantes no futuro. Lucy suspirou.

A carta Oculto Maior representada como uma boneco e um titiritero indicava que algo a transtornava, e esse algo era a razão para deixar de ver Mitch. Porque amantes não eram, e não porque ela não tivesse tentado. Também indicava que ela tinha caído em sua própria armadilha. E estava nessa situação porque não queria sair dali.

Olhou as conseqüências futuras: os amantes representavam a Bela e a Besta dançando. Isso era o que desejava e não ia conseguir com Mitch.

"Admita, Lucy", murmurava enquanto recolhia as cartas. "Não lhe interessa seu corpo".

Uma lástima, porque sim, lhe interessava o corpo dele. E muito. Interessava-lhe muito para prosseguir com essas entrevistas platônicas. Sobretudo lhe era desalentador continuar dizendo sim a Mitch quando isso significava dizer que não a seus desejos. Às suas necessidades. Ao que se merecia.

Ninguém sabia melhor que Lucy que sem paixão, sem um pouco de fogo, nenhuma relação podia ter esperanças de sobreviver às desigualdades de um compromisso prolongado.

Já tinha vivido, tinha-o feito, e agora tinha o certificado de divórcio para demonstrá-lo. Além da compatibilidade que pudesse ter com um homem, sem o fogo necessário para manter vivo o amor, a chama se apagaria sem deixar mais que cinzas.

Seu ex-marido não estava interessado nela. E agora ela repetia o mesmo padrão negativo de conduta saindo com outro homem que não estava interessado nela, porque por alguma estúpida razão sua boca continuava dizendo "sim" cada vez que Mitch a convidava a sair quando sua cabeça dizia aos gritos que não.

Era difícil dizer que não a Mitch, porque ele era tão grande e forte, e a fazia sentir-se tão bem só pelo fato de estar ali. O modo como olhava tudo com



esses olhos cor de avelã lhe indicava que dava atenção aos detalhes e que pensava bem nas coisas antes de agir. Disso Lucy gostava. Era confiável.

Mas também era frio e distante. Jamais a tocava com suas grandes mãos e ela nunca se pôde aproximar o suficiente para comprovar se seu cabelo castanho era tão suave como parecia. Ela queria aproximar-se emocional e fisicamente, e não via como podia obter uma coisa sem a outra.

Mas as coisas mudaram. Essa noite era a primeira sexta-feira depois da lua nova. Uma noite ideal para lançar um feitiço e atrair seu verdadeiro amor. E esse dia ia almoçar com Mitch, algo que não se pôde negar, e pensava em terminar com tudo para sempre.

Ia superar a sua boca traiçoeira e se justificaria. Deixaria de vê-lo, e não havia volta. Sairia desse ponto morto, deixaria de ser uma boneca e seria o que ela realmente desejava ser.

Lucy terminou de juntar as cartas e as colocou em uma bolsa de veludo púrpura com laços de bordas douradas. Então levantou-se da mesa deixando a louça do café da manhã abandonados perto da bolsa de cartas e foi tomar banho.

Já era hora de vestir-se, de ir trabalhar, e de seguir adiante com sua decisão. Era outubro e isso significava a chegada do Samhain e um ano novo. Era o melhor momento para se despedir do passado e dar a boas-vindas ao futuro.

Capítulo dois

Devia deixar de vê-la.

Mitch Davis sabia do mesmo modo em que se sabe que o sol sai pelo leste, a lua afeta as marés e a primavera segue o inverno. Era um fato tão imutável como a lei da natureza: se continuasse vendo Lucy, cedo ou tarde ia fazer algo que o levaria a ser detido ou inabilitado para o exercício da advocacia.

O problema era que cada vez que a via se distraía com seus olhos castanhos- escuros e esquecia por que devia terminar antes de que acontecesse algo perigoso. E então, sem dar-se conta, abria a boca involuntariamente a fim de lhe pedir outra oportunidade para brincar com fogo.



Seus sapatos negros, lustrados e brilhantes, fizeram-no subir por degraus de madeira e passar junto a uma vidraça ampla que mostrava uma colorida seleção de livros e cartas de tarot com essa criatura extravagante e fastuosa que dava nome ao negócio, *O Dragão de Cristal*.

Viu como sua própria mão fornida se fechava sobre o cabo de bronze e abria a porta para fazê-lo passar para essa loja ao estilo da Nova Era, cheia de livros para hippies de todas as idades em busca de iluminação, cristais para favorecer a harmonia, e uma mulher que garantia perturbar sua vida organizada.

Era só um almoço, pensava Mitch para tranqüilizar-se. O que poderia haver em um almoço? Era algo seguro. Restaurantes repletos de gente de negócios com trajes sóbrios e computadores de bolso, reuniões informais…

E reuniões clandestinas, sussurrou uma voz mental traiçoeira. Amantes que escapam ilicitamente para dar uma "rapidinha" ao meio-dia. Talvez até para fazê-lo no estacionamento em plena luz do dia enquanto a pouca distancia homens de ternos, alheios a tudo isso, programam eventos futuros dentro de restaurantes e edifícios de escritórios.

Ou talvez no elevador, parado entre dois pisos. Lucy freqüentemente usava vestidos. Tudo o que teria que fazer seria parar atrás dela, lhe erguer a parte de trás da saia, desabotoar as calças…

Mitch fechou os olhos brevemente. Era ela. Fazia ele pensar nesse tipo de coisas. Tinha que ser ela porque antes de conhecê-la nunca lhe tinha acontecido e agora só podia pensar era em Lucy. Sexo com Lucy. Sexo quente, explícito, ilícito com Lucy em lugares públicos e em posições ainda proibidas pelas leis puritanas. Levar Lucy, atá-la e usar o sexo para dominá-la e atá-la a ele para sempre. Descer pelo corpo de Lucy enquanto ela ardia em chamas.

Ia terminar preso. Lucy nunca aceitaria o tipo de idéias que ele tinha a respeito dela, e inclusive se lhe desse uma oportunidade de dizer o que desejava fazer com ela, ela apresentaria uma ordem de prisão e sua carreira terminaria no meio do escândalo e da vergonha.

Só o que o salvara até o momento era que nunca se permitiu beijá-la ou tocá-la de algum jeito. Se o fizesse, sucumbiria.



Boise era uma comunidade muito conservadora em muitos aspectos para que ele pudesse sair com ela e fazer com Lucy o que quisesse, e cada dia desejava com mais anseio lhe fazer coisas mais proibidas.

Tinha que deixar de vê-la. Era a única solução. De algum jeito tinha que encontrar a vontade para lhe pôr fim à situação antes de que acabasse com ele. Devia dizer-lhe Hoje sem falta.

Então Lucy estava frente a ele, com esses olhos tão quentes, esse sorriso tão generoso e esse corpo tão exuberante e tentador. Só de vê-la ele se sentia feliz, pensava Mitch. Talvez não tivesse que deixá-la justo agora.

Não sorria para ele. Estava falando com um cliente e movia as mãos no meio de uma conversação animada. O cliente também sorria, porque ninguém podia deixar de sorrir frente ao sorriso cálida de Lucy. Seu louco negócio, cheio de idéias estranhas e de produtos mais estranhos ainda, tinha um êxito incrível porque Lucy fazia com que todos se sentissem bem. Compravam algo só para levar para casa algo desse sentimento positivo.

Lucy era a única coisa que Mitch queria levar para casa, onde poderia ficar com ela e todos os bons sentimentos que gerasse presa à sua cama. Se fosse inteligente, em lugar de pensar nisso compraria uma vela de aromaterapia para acalmar-se.

Ela usava um vestido estampado com uma saia larga com caimento e a parte de cima de gaze com barra de babados. Tão feminina. Tão doce. Tão antiquada.

Então por que a via com uma malha inteira ajustada de vinil negro com um corpete de metal do pescoço até as coxas, que deixaria seu corpo curvilíneo e exuberante exposto ante seu olhar quando o tirasse com os dentes?

Com a luz do sol se viam mechas mais claras em seu cabelo encaracolado, que lhe chegava até os ombros. Seus olhos castanhos-escuros e sua boca suave, rosada e sorridente pareciam muito inocentes para as idéias carnais que tinha sobre ela.

Lucy podia ser algum tipo de bruxa da Nova Era, mas não tinha a mais mínima maldade.

Mitch era o malvado que ocultava seus pensamentos secretos detrás de um rosto impassível, um traje clássico, unhas bem cortadas e sapatos lustrados.



Um homem prolixo, conservador, de aspecto profissional, não dava a impressão de ser um desviado sexual, algo que seus clientes provavelmente valorizavam quando os representava diante da corte.

Mas tudo o que tinha que fazer era olhá-la e o único aspecto conservador de suas fantasias selvagens era que se concentravam em Lucy e só em Lucy.

Assim era um desviado absolutamente monógamo. Isso não somaria pontos se ficasse com Lucy o tempo suficiente para perder o controle, lhe arrancar essas roupas de rendas e sutiãs para lhe descobrir os seios por completo e encher seus olhos antes de encher suas mãos e boca.

O tecido parecia suficientemente frágil para romper-se facilmente com a menor pressão. As mãos grandes e fornidas de Mitch se crispavam ante a idéia. Assim era. Se não era por seu próprio bem, tinha que deixar de vê-la pelo bem dela. Esta era a última vez. Tinha que terminar.

Quando falou, sua voz soou mais cortante do que queria.

- Já está preparada, Lucy? Temos uma reserva.

Suas mãos paralisaram-se no ar e seu olhar virou para ele.

- Mitch. Olá. Já termino, em seguida estarei com você.

Disse algo mais à cliente que Mitch não pôde ouvir, deu-lhe o frasco de óleo essencial na mão e se dirigiu à caixa registradora. "Se isso não funcionar, devolva-me, disse Lucy com voz mais alta. "Mas prove-o".

A mulher se aproximou e sorriu enquanto tirava a carteira.

Lucy foi para ele e parou a poucos metros. Mitch teria preferido que ela parasse antes. Aproximou-se o suficiente como se a fosse agarrar.

Ela foi até seu ombro, e ele sentiu desejos de agarrá-la pelos quadris. Seus cachos com mechas mais claras cairiam por seu braço se o fizesse, e ela ficaria suficientemente perto para que o aroma de sândalo, sol e mulher fosse direto à sua cabeça.

Queria sentir esse corpo quente apertado ao dele. Queria mergulhar na calidez de seu interior. Justo nesse momento e nesse lugar. Os clientes poderiam simplesmente passar a seu lado.

Mitch deu um passo atrás para ficar a uma distância mais segura e correu para que Lucy passasse.

- Já é tarde, é melhor irmos.



Outra vez lhe saiu uma voz quase grosseira. Não podia evitá-lo. Se não controlasse sua voz do mesmo modo que controlava todas as outras partes de seu corpo, simplesmente diria na cara dela. Quero te agarrar, Lucy. Quero te levantar a saia até a cintura e enterrar a pica na sua concha. E te quero ter amaarrada à cama até terminar de te agarrar; e isso poderia durar uns cinqüenta anos.

E as palavras tinham que ser ditas em voz alta. Ficariam flutuando no ar entre eles, onde ele não as poderia retirar e retratar-se. E ela se ofenderia. Ficaria magoada. Talvez, até atemorizada.

Esse não era o tipo de palavras que se devia usar com uma mulher como Lucy.

Ela merecia palavras doces, suaves, românticas.

Talvez tivesse exercido advocacia durante muito tempo, mas o certo é que não ficavam palavras suaves e românticas. Na realidade, nunca as tinha tido. Tinha visto e escutado de tudo, incluindo o lado da natureza humana que não era belo nem podia embelezar-se, sem importar as palavras que se usassem para cobri-lo.

Não queria machucá-la. Não queria assustá-la nem rebaixá-la. Desejava-a quente, selvagem, abandonada a seus instintos primários e cada vez lhe parecia mais difícil ocultá-lo.

Graças a Deus ia ser a última vez que a veria, ou diria e ela provavelmente o esbofetearia. Um pouco antes de romper em lágrimas.

Lucy o seguiu até o estacionamento e subiu no lado do acompanhante de sua Mercedes. Ele não deixou de notar o modo como ela acomodou o traseiro no assento de couro. Isso o excitou. Fez-lhe desejar vê-la desfrutar do assento de couro sem nenhuma roupa que atenuasse a sensação, só seu traseiro nu estremecido de prazer.

Tudo nela o excitava, e esse era justamente o problema. Até o inocente assento de um automóvel podia transformar-se em objeto de suas fantasias carnais se Lucy estava por perto.

Mitch fechou a porta de Lucy, mais forte do que queria. Voltou para seu lado, subiu ao automóvel, fechou também sua porta com um som forte, e arrancou. Não disse nada. Não tinha confiança em si mesmo para falar. Talvez a



Lucy não importasse o silêncio ou possivelmente lhe incomodasse o suficiente para fazer com que a relação entre eles se acabasse de um modo mais fácil.

Algo tinha que fazê-lo mais fácil, porque ainda não tinha conseguido obrigar-se a fazê-lo e não tinha idéia de como ia fazer agora.

Dirigiu a curta distância que separava seu negócio no Hyde Park do exclusivo restaurante central em um silêncio reprimido, desligou o motor e saiu do automóvel rapidamente. Não se animava a ficar em um lugar fechado com ela. Seria muito fácil passar a mão entre suas pernas, debaixo da saia floreada, e deslizá-la até tocá-la entre as pernas.

Injustificadamente, Mitch sentiu raiva pela forma como ela se vestia.

Se soubesse o que ficava bem, usaria calças e deixaria de usar esses malditos vestidos. Eram um convite para que ele se equilibrasse sobre ela. Só usava sandálias, nem sequer tinha a frágil barreira de umas meias para proteger sua virtude, embora de todo o modo isso não impediria Mitch de lhe colocar as mãos debaixo do vestido alguma vez. Ele destruiria qualquer coisa que se interpusesse entre a pele deles dois e logo entraria em seu interior sem mais delongas.

Mitch sabia que seu ressentimento com respeito à roupa de Lucy era completamente irracional. O problema era dele, não dela. Simplesmente, deixava-o louco. Terminaria tudo e se manteria o mais afastado possível dela para sempre e se concentraria no seu trabalho, trâmites legais e apresentações diante do tribunal.

De algum jeito abriu a porta a Lucy, que saiu e entrou no restaurante onde se sentou a uma distância segura dele, do outro lado da mesa.

Pediram o almoço. Lucy brincava com sua taça de água, seu garfo, dobrava e desdobrava seu guardanapo de tecido, e Mitch olhava os movimentos de suas mãos. Estava pondo-a nervosa, sabia. Agia de maneira brusca, áspera, descortês… Devia dizer algo para que se sentisse cômoda, mas não sabia que palavras usar. As palavras que lhe ocorriam com mais espontaneidade quando estava com ela não eram dessas que a senhorita Boas Maneiras recomendaria para um discurso social elegante. "Quero sua concha de sobremesa" não lhe parecia um bom começo.



- Lindo dia, finalmente disse. - Ainda não faz muito frio. O veranico de San Martín atípicamente longo era o atrativo do outono, com dias ensolarados e uma ligeira brisa fresca no ar. Era agradável depois do calor entristecedor do verão.

Lucy levantou a vista e o olhou. Paralisaram-lhe as mãos. Abriu esses lábios rosados e suaves para lhe dizer algo, mas o garçom chegou com seu almoço e ele voltou a fechar a boca.

“O que ia dizer?” Perguntou Mitch quando o garçom se foi.

Voltou a tomar o guardanapo, apertando as dobras de tecido nos punhos. Olhou fixamente seu prato.

Invadiu-o um sentimento de apreensão. Lucy estava muito séria.

O silêncio parecia eterno. O tempo se dilatava e os sons de outros comensais se perdiam na distância. Só estavam eles dois, Lucy olhando fixamente para baixo e sem pronunciar as palavras que Mitch sentia cada vez com mais certeza que não desejava ouvir.

E então o olhou diretamente nos olhos e disse.

“Não quero o almoço. Não quero vê-lo nunca mais. Quero ir embora agora mesmo”.

Não deveria havê-lo surpreendido. Tinha sido descortês e sabia. E esse era o resultado que esperava, só que pensava ser ele quem ia dizer as palavras. Não tão repentinamente. Queria suavizar o golpe. De qualquer maneira, não pôde evitar lhe perguntar: “por que?”

Ela suspirou, colocou o guardanapo debaixo da mesa junto com seus punhos fechados e lhe respondeu. “Porque desejo coisas que você não me pode dar”.

“Que coisas?”

“Coisas”, murmurou Lucy para disfarçar a pergunta.

“Está me deixando”, disse Mitch. Não ia perder nada sendo franco. Ao diabo com a senhorita Bons Maneiras. “Acredito que ao menos me deve uma explicação. Que coisas, Lucy?”

Ela olhou furtivamente pelo restaurante para comprovar que ninguém estivesse suficientemente perto para ouvir. Não havia ninguém, mas se inclinou para frente e baixou a voz só para estar segura. “Já fui casada, sabe?”



Não era o que Mitch esperava escutar mas em realidade já sabia. Não era um segredo. De qualquer modo, tampouco era algo estranho. A gente se divorcia.

Encolheu os ombros. "E?"

"E meu ex-marido era como você. Muito conservador. Não me aceitava e…" os olhos do Lucy começaram a encher-se de lágrimas e Mitch sentiu desejo de encontrar seu ex para lhe pregar um murro na boca por fazê-la chorar.

"E não me desejava", continuou Lucy. "Eu não o excitava. Não lhe interessava. Eu não era o que ele queria. Não era suficiente para ele. E me divorciei porque não podia viver com isso, e agora estou saindo com você e é como reviver tudo aquilo".

Lucy se sentou mais direita e os seios se moveram debaixo do tecido de gaze de um modo que Mitch apreciou profundamente. "Não mereço estar com alguém que não me deseja fisicamente, Mitch. Estou falando do desejo. Eu tenho necessidades".

Mitch podia entender que ela tivesse suas próprias necessidades. Ele tinha necessidades das quais era muito consciente quando ela estava perto, mas ela estava acelerada nesse momento. Parece que há muito tempo as palavras lhe vinham acumulando e agora saíam em quantidade, cada vez mais rápido.

"Não quero uma relação platônica", dizia Lucy. "Não quero perder meu tempo com um tipo trajeado e conservador que não me beija por medo de enrugar a roupa. Quero um homem que deixe amassaar a roupa. Ou melhor ainda, quero-o nu. Quero sexo. Quero um homem capaz de irromper em minha casa no meio da noite porque morre de desejo de me possuir. Quero um pirata que me rapte e me arraste a seu navio com propósitos imorais e que me faça escolher entre ser devorada pelos tubarões ou ser devorada por ele".

Ele ficou paralisado por suas palavras, mas isso era bom porque do contrário o teria tentado a idéia de lhe dar exatamente o que ela queria, ali mesmo, em cima da mesa, no meio do restaurante.

Podia volteá-la, lhe arrancar as calcinhas, lhe colocar a língua e fazê-la gritar que a soltasse ante os olhares impressionados de outros comensais se isso era o que queria, porque só o que até o momento tivera era medo de que Lucy não o desejasse do mesmo modo em que ele a desejava . Bom, isso e o temor a



represálias legais. Está bem, isso, o temor às represálias legais, e um intenso desejo de não por abaixo sua carreira.

"Quero ser desejada, Mitch, pode compreender isso? Quero deixar um homem louco de paixão. Quero que me arraste pelo cabelo para me agarrar até me deixar sem possibilidade de escapar, e que me faça isso tão bem que eu nunca tentaria ir embora. E não se atreva a rir de mim". Lucy parou repentinamente e jogou o guardanapo. "Não quero voltar a ver você nunca mais".

E como ainda estava paralisado por suas palavras, pela imagem de si mesmo no papel do pirata que a cativava, ou talvez no de homem Neandertal que a arrastava, ela se foi. Foi antes que ele se recuperasse o suficiente para sair da mesa e correr atrás dela.

Bom, diabos. Finalmente, tinha descoberto que a doce e inocente Lucy desejava as mesmas coisas que ele desejava, e não estava tratando de sua satisfação mútua agora porque ela o tinha deixado.

Seus instintos souberam o tempo todo. Depois de tudo, suas loucas fantasias com ela não tinham sido tão amalucadas. Davam no branco com respeito a como ganhá-la. Simplesmente, tinha sido muito civilizado para seguir seus instintos e a tinha perdido.

E agora o que...?

Mitch procurou sua Mercedes e retornou ao escritório. Uma retirada estratégica enquanto considerava suas opções e planejava seu próximo movimento parecia o correto.

Quão difícil seria para um principiante alugar um navio?

De algo estava certo: agora que sabia quão bem as necessidades de Lucy se enquadravam com as dele, de maneira nenhuma deixaria que lhe escapasse para as satisfazer com outro homem. Ela tinha escapado no restaurante só porque o surpreendera. Ia ser o único homem em satisfazer todas as necessidades que ela tivesse, e o faria tão perfeitamente que ela não pensaria em deixá-lo nunca mais.

Claro que isso poderia chegar a tomar algum tempo. Estava bastante zangada e bastante decidida a não lhe dar uma segunda oportunidade.

Mitch procurou não esquecer-se de investigar os aluguéis de embarcações a longo prazo.



Capítulo três

Lucy passou o resto do dia como pôde, mas não conseguiu esquecer o rosto paralisado do Mitch enquanto dizia aos gritos que necessitava sexo, inclusive oral, no meio de um restaurante de categoria cheio de conservadores sujeitos bem trajados, muitos dos quais provavelmente era seus clientes.

O modo como a olhou a fez suspirar, envergonhada. Provavelmente ficou como uma louca. Uma louca frustrada sexualmente, muito patética para conseguir um homem, que motivava suas secretas esperanças que tão somente aparecesse um e tomasse o que aparentemente ninguém desejava.

Talvez se tingisse o cabelo de loiro dourado pareceria menos inocente. Talvez se mudasse para um estacionamento de reboques e queimasse todos os vestidos da avó, e usasse jeans e deixasse de usar sutiãs, possivelmente não se pareceria tanto com uma garota boa e se parecesse mais com alguém para se passar um bom momento.

Provavelmente não. Provavelmente, só pareceria uma tola vestida com um disfarce que não ficava bem. Exatamente isso.

Não era do tipo de garota que usava jeans justo. Era das que usavam vestido florido. Os homens provavelmente a olhavam e a imaginavam assando bolinhos. Não a imaginavam despindo-se e abrindo aspernas sobre a mesa da da cozinha para oferecer-se como um salgadinho. Aparentemente, como mulher, só podia inspirar fantasias ao estilo Betty Crocker, onde o único que se esquentava era o forno.

Povavelmente, tinha sido bom que Mitch nunca a beijasse. Jogar-se-ia sobre ele e se envergonhariam ambos quando lhe pedisse que a possuísse. Provavelmente ele sabia e por isso nunca a tinha motivado.

Podia ser áspero e distante. Podia ser frio e austero. Mas Lucy sabia que Mitch nunca quereria ferir seus sentimentos e que a cena do restaurante, provavelmente, tinha-o alterado. Nem tanto por havê-los liberado a ambos de uma situação cada vez mais incômoda, mas sim porque, em primeiro lugar, ele não queria desgostá-la para provocar uma cena.



Honestamente, teria gostado de ser mais prudente. As coisas simplesmente lhe foram tiradas das mãos. Tinha começado a lhe dizer como se sentia e os sentimentos se traduziram cada vez em mais palavras, até que ela escapou do restaurante e o rosto paralisado de Mitch ficou como a única resposta possível para dar.

Bom, talvez não o tenha feito com elegância, mas definitivamente o tinha feito. Terminou. Ao menos isso tinha ficado bem claro. “Não quero vê-lo nunca mais” soava bastante mais drástico do que se podia esperar de sua relação platônica, mas cumpria seu encargo.

Adeus, Mitch. Olá, ano novo e homem novo.

Já tinha tudo o que necessitava para lançar um feitiço de amor em sua casa. Tinha estudado o livro das sombras minuciosamente. Tratava-se de um feitiço muito simples, quase tão simples como um marco de pedras empilhadas.

Era impossível falhar. Nem sequer ela podia arruiná-lo. Faria essa mesma noite. E nada falharia desta vez.

Com a decisão firme, Lucy se esforçou ao máximo para concentrar-se em seu negócio e seus clientes até a hora de ir embora.

O Dragão de Cristal era um lugar mágico, e não só pelos artigos que vendia. Atravessar a porta a fazia sentir-se bem. Era seu lugar, o lugar que tinha construído e que usava para armar sua própria vida. Tinha escolhido tudo, da pintura das paredes até os artigos da vitrine e o desenho artístico da placa.

Vendia o sortido típico de sahumerios e óleos essenciais, mas tinha bons filtros de ar e ventilação para que os aromas incompatíveis não se tornassem insuportáveis. Seu negócio tinha um aroma atraente e exótico; não era como uma explosão de uma fábrica de patchulí.

Frente às janelas pendurava cristais que resplandeciam com a luz do sol. Uma seleção de cds apoiada em uma prateleira convidava os curiosos a levar a seus lares sons da natureza ou música suave para gerar um ambiente tranqüilo. Alguns desses cds se escutavam brandamente pelos auto-falantes de cada canto da loja.

Prateleiras de livros de auto-ajuda, magia, tarot e uma variedade de temas relacionados brindavam conselhos práticos para qualquer um que se interessasse em explorar-se e explorar o campo das possibilidades espirituais. Se



um homem desejava aprender a fazer algo para achar seu caminho para a iluminação, podia encontrar o que necessitava no negócio de Lucy.

Lucy gostava de oferecer às pessoas um modo de ajudar-se, de qualquer forma que lhes agradasse. Tinha encontrado ajuda para ela mesma durante a agonia de seu matrimônio e isso a tinha salvado emocionalmente. Também se tinha salvado economicamente quando abriu *O Dragão de Cristal* no dia que obteve o divórcio.

E agora a magia ia ajudá-la a salvar-se de repetir os enganos do passado penando por um homem que não a desejava, morrendo por dentro todos os dias porque sabia que ela não estava à altura dele.

Ia conseguir o homem correto, um para quem ela fosse a mulher correta. Ele a desejaria tal como era. E lhe demonstraria quanto a desejava e quão perfeita era para ele.

Às seis, Lucy virou o cartaz da porta para que indicasse "Fechado", saudou seu assistente, fechou à chave a loja e caminhou as poucas quadras que a separavam de sua cabana de North End.

Gostava de viver no histórico North End do Boise. Hyde Park era uma localização ideal para um negócio, e a vizinhança atraía uma mescla de artistas, professores, famílias, gente que originalmente tinha comprado as velhas casas e que as tinha renovado quando não podia dar-se ao luxo de viver em outro lugar. Agora essas casas eram bem raízes de primeiro nível. A mescla eclética de arquitetura era um atrativo tão grande como a prosperidade do distrito comercial.

Além disso, era uma vizinhança muito antiquada onde as pessoas se conheciam entre si. Uma raridade em qualquer cidade grande.

Lucy não se encontrou com nenhum vizinho em seu caminho para casa e isso foi bom. Não estava de ânimo para conversar. Queria estar tranqüila a fim de mentalizar-se para desenvolver o feitiço. Queria olhar as árvores e os crisântemos tardiamente florescidos e os vasos nos alpendres. Queria sentir o chão sob seus pés porque isso lhe dava a sensação de estar conectada com algo maior que ela mesma.

Quando chegou a seu próprio alpendre de entrada, envolveu-a uma sensação de tranqüilidade. Recolheu a correspondência mas não a olhou,



deixando-a a um lado para mais tarde. Pôs seu jantar no microondas e comeu lentamente, permitindo-se sentir o transcurso desse momento.

Então chegou a hora de começar.

Tomou uma bolsinha de tecido de cores brilhantes que continha ervas, colocou uma vela rosa ao lado de um candelabro de cristal, e acendeu um incenso de jasmim. Enquanto o incenso despedia volutas de fumaça perfumada, fechou os olhos e visualizou um círculo protetor ao redor de si mesmo e da mesinha que servia de altar.

Desenrolou um pergaminho e escreveu, parando freqüentemente para enroscar uma mecha de cabelo ao redor do dedo, enquanto pensava; logo voltava a anotar outra frase ou parava e voltava a escrever.

O incenso se reduziu a uma bituca fumegante quando, finalmente satisfeita com a lista, deixou a um lado o pergaminho e tirou um frasco de azeite de rosas. Cobriu um dedo com azeite, riscou uma linha na vela e a consagrou. Abriu a bolsita, verteu verbena e fez rodar a vela sobre as ervas. Então colocou a vela no candelabro, acendeu-a e brandamente salmodiou o conjuro.

"Lua do amor de intenso brilho, me ajude esta noite com meu feitiço. Guia meu verdadeiro amor para mim, como eu mando, assim seja".

Lucy olhou dentro da chama da vela e visualizou o homem que encarnaria todas as qualidades escritas no pergaminho. O homem que seria sua alma gemea, seu cavalheiro de resplandecente armadura, seu pirata, seu amante apaixonado e cheio de adoração. Pronunciou as palavras que o chamavam para ela três vezes e assim terminou o ritual.

Na terceira repetição, uma rajada de vento de uma janela aberta fez com que a vela piscasse e sua imagem mental tremeu, passando da fantasia do pirata de seus sonhos eróticos à imagem do reprimido com terno Armani de seus pesadelos.

Em lugar de um herói luxurioso destinado a trazer para sempre a felicidade e a profunda satisfação, viu certo advogado emocional e sexualmente reprimido, distante e austero, com o rosto paralisado e de terno.

Lucy amaldiçoou, apagou a vela e esparramou as ervas no altar com mão impaciente.



"*Obrigado por nada*", murmurou em lugar da tradicional prece de agradecimento.

Estava tão segura de que esta vez nada podia sair mau. Era uma bruxa lamentável. Não podia levar a cabo nem o feitiço mais singelo.

Era um homem que a queria muito para pedir-lhe... por que tinha visto Mitch, um homem que sabia bem que a achava totalmente sem graça?

Já basta de feitiços de amor. Talvez deveria tentar com um serviço de entrevistas.

Frustrada e derrotada, Lucy foi da sala ao quarto, arrancou a roupa e a deixou no chão, subiu à cama e tirou os cobertores para cobrir a cabeça. Estava mais do que pronta para que esse dia terminasse.

E finalmente dormiu.

Capítulo quatro

A firme mão masculina que lhe tampou a boca tirou Lucy bruscamente de seu sonho irregular e despertou em meio de um pesadelo.

Pulsava-lhe fortemente o coração enquanto olhava os olhos do estranho, sua cara estava oculta em uma máscara escura que só deixava à vista a boca e o queixo. O resto dele desaparecia nas sombras e Lucy se deu conta que devia estar vestido de negro.

Como tinha entrado? Afastou os olhos dele e os dirigiu à janela aberta que tinha esquecido fechar. Soltou um gemido surdo por sua própria estupidez.

Fez um esforço para olhá-lo diretamente outra vez, para encontrar-se com esses olhos que brilhavam à luz da lua. Levantou a mão a fim de tirar a mão que lhe tampava a boca para poder falar. "Não quer fazer isto", disse. Mantenha a frieza. Mantenha o controle. Mantenha a firmeza. "Não poderá reverter todo o carma negativo desta vida".

"Ah, mas eu sim", respondeu aproximando-se até que a máscara lhe tocou o nariz. "Eu desejo fazer isto".

E logo fechou sua boca dura sobre a dela. Lucy estava paralisada entre o impacto e uma sensação fastidiosa de que algo não estava de tudo bem, faltava uma peça do quebra-cabeças em sua confusão de recém-levantada.



Essa voz. Ela a conhecia. Esse dia a tinha escutado mais cedo.

Era a voz de Mitch. Mitch Davis, o doutor Correto. Um homem mais capaz de lhe passar sal que de insinuar-se como "Um homem tão moderado e prudente" que não seria surpresa vestir-se como um ladrão e irromper na habitação de uma mulher no meio da noite para violá-la.

Mas então, talvez Mitch tinha ocultado coisas. Além disso, Mitch jamais a tinha beijado antes. Agora sem dúvida a estava beijando. Avidamente. Urgentemente. Como alguém que está de dieta e sucumbe à força de uma negação prolongada e vai com um ardor decidido em busca de um brownie proibido com o dobro de açúcar.

Soltou-se da boca a tempo para dizer ofegando: "Mitch?"

Com as mãos dela imobilizadas por suas mãos fortes, lhe recapturou os lábios com um beijo veemente. "se cale", grunhiu contra seus lábios enquanto se desprendiam com assombro. "Só se cale e me beije".

Impossibilitada e misteriosamente não disposta a fazer outra coisa, Lucy deixou de lado todas as razões pelas quais ele era o homem incorreto para ela e o beijou.

Logo depois do que pareceu uma eternidade, a boca de Mitch se afastou da sua, e ele a levantou nos braços. O lençol e o cobertor deslizaram para baixo e a deixaram quase nua frente a ele. Fora dormir de calcinhas e só as cobertas ocultavam a parte inferior de seu corpo.

Mas ele não parecia interessado em ver só até ali. Tirou um papel com uma mão débil e uma lapiseira com a outra, amaldiçoou em voz baixa, procurou um livro para colocar debaixo do papel como apoio e acendeu a luz que estava ao lado da cama para que ela pudesse ver o que estava impresso.

"Assine isto. Rápido".

Lucy olhou abismada seu rosto mascarado, sem compreender.

"É uma isenção", explicou abruptamente Mitch. "Cruzarei com você as fronteiras estatais e isso é seqüestro a menos que me dê permissão. Se não, seria um caso de rapto e privação ilegítima da liberdade. De-me permissão, Lucy. Assine a maldita isenção".

"Mitch?" Lucy voltou a dizer. Por que estava fazendo isso?



"Suas tetas são magníficas. Quero chupá-las. Assine a isenção, Lucy, não quero terminar na prisão pelo que lhe vou fazer".

"O que vai me fazer?"

"De tudo". Deixando momentaneamente de lado o papel e a lapiseira, Mitch a empurrou sobre o colchão, correu as mantas para ver o resto de seu corpo e lhe subiu em cima. Esfregou seu pênis ereto entre as pernas abertas de Lucy para lhe demonstrar a que se referia ao dizer "tudo".

"Vou roubá-la. Sou um pirata e você é uma donzela. Vi-a, desejei-a, e agora vou levar você a meu navio onde me entregará seu corpo".

Mitch pressionou fortemente seus quadris, empurrando o pênis duro por seu clitóris, e isso só era suficiente para fazê-la acabar essa noite como uma vela romana, embora ele ainda estivesse completamente vestido e ela ainda com a roupa de baixo. Lucy ofegava pela sensação.

"Vou agarrar você até lhe voar a cabeça", disse com voz alterada, montado sobre ela. "vou pôr a boca entre suas pernas e lhe vou chupar o clitóris até que me rogue que pare. Vou possuir você de todos os modos que quero e ninguém vai escutar você gritar porque estaremos sozinhos. Vou lhe cravar a pica quando me der a vontade e você me deixará, não, Lucy?"

Lucy tinha ficado sem palavras. Só um pouco mais de prazer, um pouco mais forte… Ali, oh, justo ali. Ela ofegava, gemia e logo gritou quando ele a fez acabar sem sequer entrar.

Mitch a fez virar, sentou-a e tomou novamente a lapiseira e o papel com o apoio abaixo. "Assina, maldição, assina a isenção antes que isto me mate. Não posso esperar, Lucy. Tenho que te possuir".

Mitch a desejava? Mitch tinha que possui-la? O que era isso das fronteiras estatais e um navio?

Lucy nem sequer olhou o papel. Nesse estado mental, de maneira nenhuma poderia concentrar-se o suficiente para lê-lo ou compreender as palavras.

O importante estava perfeitamente claro.

Mitch queria brincar de pirata com ela. E, sendo advogado, queria assegurar-se de que algo que fizesse fosse legal e consensual, sem lugar para a ambigüidade ou os mal-entendidos. Provavelmente não podia evitá-lo.



E, em realidade, não lhe importava. Não era pouco romântico de sua parte irromper em sua casa e lhe dar um orgasmo, e lhe dizer que queria raptá-la para fazer das suas com ela. Fizeram-no uma e outra vez. Até tiveram sexo oral. Tinha estado atento no almoço.

Lucy tremeu ao final do orgasmo mais incrível que tivera em sua vida. Estava claro que isso só era um prelúdio de tudo o que Mitch lhe pensava fazer. Se queria mais, ia ter que assinar.

Ela queria mais.

E assinou o papel.

Mitch tomou a isenção, dobrou-a, e a guardou no bolso da calça. Logo tomou Lucy e tirou o lençol da cama. Envolveu-a nele para deixá-la sem mais vestimenta que o lençol e a roupa interior, carregou-a ao ombro como se fosse um bombeiro e se dirigiu à porta de entrada.

"Onde está a chave, Lucy? Vou fechar".

"Na mesa. Ao lado da porta", conseguiu responder Lucy.

Mitch encontrou o chaveiro, abriu a porta, saíram e fechou à chave do outro lado.

Ele a raptava como um pirata.

Lucy tratava de pensar só nisso, mas não podia. Sua fantasia se estava fazendo realidade com o candidato que menos se imaginava.

Mitch Davis a estava levando nomeio da noite para lhe fazer coisas como praticar sexo oral e penetrá-la também. Centenas de penetrações, se tinha entendido bem.

A noite terminava sendo muito melhor do que se imaginava. Se tivesse sabido o que ocorreria, teria terminado a relação muito antes.

E isso lhe recordou, de repente, que eles supostamente tinham terminado.

"Mitch", disse-lhe pendurada como um cilindro de tapete, "nos separamos".

"É certo", respondeu-lhe. "A velha relação, que consistia em entrevistas em lugares públicos seguros onde nunca te pus uma mão em cima, terminou-se. Você a terminou, Lucy, e me alegra que o tenha feito. Respeito sua decisão de deixar de sair comigo. Isto é completamente diferente. Não a levo para um parque, e te vou tocar toda. Até dentro".



Mitch inclinou seu flanco direito, deixou-a brevemente de pé enquanto abria a porta do automóvel e a pôs no banco do acompanhante. Deu a volta e em tempo recorde subiu ao assento do motorista.

"É membro do mele high clube?", perguntou enquanto ligava o motor.

"O que é isso?", perguntou Lucy.

"Já o verá. Justo antes de que ganhe suas asas", respondeu Mitch. tirou-se a máscara da cabeça e a jogou no assento traseiro. Logo procurou no porta-luvas e tirou uma atadura. Amarrou Lucy na cabeça para lhe cobrir os olhos. "Quase esqueci esta parte".

Envolta em seu lençol como uma múmia, Lucy não podia mover nem os braços nem as pernas. A atadura a envolvia na escuridão. Estava cega e indefesa, e tinha assinado uma isenção que não tinha lido e que dava permissão a Mitch para sabe-se lá o que.

Não tinha a menor ideia de onde a levava, o que acontecia seu redor, nem quem mais poderia vê-la assim atada e virtualmente nua.

Era incrivelmente excitante.

Independentemente de que Mitch tivesse planejado, Lucy esperava chegar a algum lugar onde ele pudesse começar a lhe passar as mãos por fora e por dentro muito em breve.

Ser roubada por um pirata a fazia umedecer-se. Suas calcinhas estavam úmidas e aderidas, o clitóris lhe palpitava e o lençol lhe roçava os mamilos de um modo muito sugestivo.

Lucy se recostou no assento. "Depressa", apurou-o.

Mitch obedeceu.

Capítulo cinco

O automóvel parou e Mitch tirou Lucy do automóvel e voltou a carregá-la sobre o ombro antes que o motor se desligasse. Surpreendeu-a, não esperava isso do senhor Lento. Talvez tivesse demorado para decidir-se, mas quando finalmente se decidiu por esta jogada Mitch não deu um só passo atrás.

Bem. Suas necessidades exigiam um homem de ação.



Se agora se arrependia, ou pior ainda, demorava os planos que tinha para ela, Lucy o mataria. Ou o demandaria. Talvez a isenção tivesse algumas declarações legais que lhe outorgavam direitos conjugais ou algo que pudesse usar em seu contrário se a fizesse esperar demais. Procurou não esquecer de averiguá-lo. Mais tarde.

Mitch passou por uma superfície de asfalto e subiu alguns degraus. Logo a desceu de seu ombro e a voltou a sentar. Depois a colocou no assento.

"Quero que saiba", disse-lhe respirando em sua orelha enquanto grampeava a fivela, "que no momento em que isto esteja no ar, este cinto de segurança se soltará e o mesmo ocorrerá com o resto".

"Estamos em um avião?", perguntou Lucy. Tratou de concentrar-se em aceitar que a idéia de que tudo se acabaria. Embora tudo ao descoberto significasse tudo acessível. Mas… Haveria alguém mais olhando além de Mitch? Ou fazendo alguma outra coisa?

"É um avião particular", respondeu Mitch acariciando seu corpo envolto no lençol. "Muito particular".

Lucy considerou que sua definição de particular necessitava de elucidação. "Mitch, é só para nós, ou pensa em me converter no centro de uma orgia?"

"Agora é uma idéia. É muito criativa, nunca pensei em uma orgia. Teria sido uma peça central muito fogosa. Mas esta orgia é só para dois. Se deseja que haja outra pessoa olhando enquanto a faço acabar-se, é uma coisa; mas ninguém mais vai penetrar em você, Lucy. Ninguém mais vai pôr as mãos nem a boca em cima de você. Somente eu".

Suas mãos grandes, fortes e fornidas se fecharam sobre seus seios, e os apertou. "São meus, Lucy. Se acostume".

Logo a soltou para grampear o cinto de segurança a seu lado. Um momento mais tarde, Lucy sentiu os motores que ligavam, o avião que começava a mover-se e a sensação quase imperceptível da decolagem à medida que levantava vôo.

E logo, como o tinha prometido, a fivela e todo o resto lhe foi retirado.

Escutou que a fivela de Mitch se soltava, e ouviu o sussurro da roupa ao despir-se. Sua fivela foi solta e seu corpo envolto em um lençol foi depositado



no suave piso atapetado do avião. Mitch a desembrulhou em dois movimentos rápidos. Logo, literalmente lhe arrancou as calcinhas.

“Vou enterrar a língua na sua concha, Lucy”, disse-lhe com voz áspera e procedeu com o que havia dito. Colocou-lhe a língua na vagina úmida e ansiosa e Lucy gemeu ao senti-lo.

Ainda com os olhos tampados, cada sensação parecia amplificar-se. Sua boca estava tão quente, tão inquieta, tão faminta. Prendeu-se ao clitóris e o chupou. Deixou-a separar-se quando ofereceu resistência e voltou a colocar a língua dentro, saiu para estimular o clitóris com a língua, e voltou a chupar com intensidade novamente.

Lucy segurou-o pelos cabelos se por acaso ele tentasse sair antes que ela acabasse e levantou os quadris para chegar à sua boca. “Mitch. Sim. Assim. Não pare, não pare!”, dizia ofegando.

Devorava-a lambendo e chupando e movendo a boca sobre ela, e chegou ao clímax quase inesperadamente. Gritou e gemeu, e não lhe importou se o piloto podia ouvi-la.

Quando ainda se convulsionava, Mitch deslizou sua boca por seu ventre até chegar aos seios e logo se acomodou acima dela. Penetrou-a com um embate forte e rápido que disparou outro orgasmo.

Colheu-a com veemência e Lucy gozou uma e outra vez até que ele finalmente também gozou e paralisou-se, ainda profundamente metido dentro dela.

“Já está iniciada no *mele high clube*”, disse-lhe Mitch e empurrou seus quadris contra ela outra vez. “Isso foi muito rápido. A próxima vez vou te agarrar mais devagar. Isto é só o começo, Lucy. Vou te agarrar até que não possa escapar e vou fazer tão bem que não vai querer escapar nunca”.

Como resposta ela emitiu um murmúrio de satisfação antecipada e percorreu com as mãos os ombros largos, as costas e o traseiro de Mitch. Adorava sentir esse corpo sob suas mãos, esse peso em cima dela, esse pênis em seu interior e a sensação líquida de seu orgasmo. Queria que ele entrasse uma e outra vez e lhe lançasse seu líquido quente dentro.

Ele se retirou e deslizou por seu corpo para pôr a boca em seus mamilos, primeiro em um e depois no outro, lambendo e chupando-os. Massageava-os e



apertava com as mãos os dois, e sua boca não parava de mover-se para frente e para trás. Massageava com os dedos o mamilo que não tinha na boca, e Lucy não sabia do que gostava mais.

"Eu adoro suas tetas", murmurou Mitch contra sua pele. "Poderia passar horas com suas tetas somente. Mas ainda não. Ainda não dei o suficiente à sua concha".

Deslizou as mãos pelas costelas e o ventre de Lucy, e colocou os dedos em seu interior.

"Está tão úmida, Lucy, tão úmida. Vou colocar os dedos e você vai se mover como se cavalgasse".

Primeiro sentiu dois dedos e depois três, que deslizavam em seu interior estirando-a e enchendo-a. Com o polegar lhe massageava o clitóris.

"Desfrute de meus dedos enquanto eu lhe chupo os seios", indicou-lhe.

Fechou a boca sobre um mamilo de novo e chupou fortemente. A conjunção das sensações da mão de Mitch dentro dela e sua boca no mamilo momentaneamente separou seus músculos de sua mente.

As coisas que ele fazia e dizia, o erotismo de suas palavras, o prazer puramente físico do contato quando Lucy o desejava com força, o saber que era ele quem lhe estava dando tudo o que necessitava a deixaram relaxada e incapaz de levar a cabo qualquer ação deliberada. Tinha a mente muito cheia de Mitch para concentrar-se sequer nas instruções mais simples.

Por reflexo levantou a pélvis para alcançar a pressão do polegar no clitóris. O movimento reflexo ajudou a dar-lhe algo parecido ao controle de seu próprio corpo. Lucy balançou os quadris contra os dedos de Mitch, encontrou seu ritmo e gozou explosivamente.

Quando recuperou a voz, disse ofegando: "O piloto pode nos ouvir?"

"Você se importa?" Mitch deslizou sua mão fora dela e se moveu subindo em cima até que seu pênis ereto começou a abrir passo para seu interior. "Se te dissesse que pode nos ver e nos escutar, quereria que eu parasse?"

Deslizou só a cabeça do pênis em seu interior, logo a tirou, só para lhe dar a ponta de novo, estimulando o conduto e negando-se a ir mais longe.

Para adiante e para atrás, apenas dentro, apenas fora, até que Lucy desejou que entrasse tudo, profundamente, e o desejou ali com urgência.



"Você se importa, Lucy?" "Quer que deixe de te agarrar?"

A ponta da vara entrou para dentro e ela se queixou levemente enquanto levantava o quadril em um intento vão por ter mais dele.

"Ou deseja tanto ter meu pau dentro de você que não se importa quem nos vê?" Mitch empurrou brandamente para ela, tão brandamente, e foi enchendo até que esteve completamente dentro dela. "Me responda, Lucy. Importa-lhe quem nos vê nos agarrando? Importa-se se o piloto vê sua concha úmida apanhando minha vara?"

"Não me importa", disse Lucy ofegando. "Me agarre, Mitch, necessito que me agarre".

Ele o fez tão lentamente a princípio que ela pensou que morreria com cada carícia.	"Mais rápido", apurou-o.

"Você não decide o rápido ou lento será", respondeu-lhe. "Só o que tem que fazer é abrir as pernas quando eu quero".

Agora suas pernas estavam bem abertas para que ele se acomodasse. Também rodeavam a cintura dele com suficiente força para ameaçar a circulação de suas extremidades inferiores.

"Por favor".

"Isso, rogue-me isso."

- Por favor, quero que seja mais forte, mais rápido, agora. Por favor!"

- Quer que lhe dê isso forte e rápido, e não se importa quem olhe enquanto o faço?"

-Sim. Não. Mitch!"

Deu-lhe o que necessitava, entrou nela com um alarido selvagem de satisfação e a fez gritar quando gozou junto com ele.

Depois, Mitch voltou a envolvê-la no lençol como se fora uma toga para que os braços ficassem livres. vestiu-se e voltou para seu assento com ela aninhada entre os braços. Tocou-lhe os mamilos como se nunca se saciasse deles, e a abraçou enquanto lhe acariciava os seios através da fina barreira do tecido.

"Ninguém podia ver nem ouvir nada, se ainda lhe perguntar isso", disse-lhe. "Quero que saiba que posso chegar a montar um espetáculo se isso te esquentar, mas embora a fantasia possa ser excitante, em realidade não poderia



fazê-lo. A verdade é que não posso suportar a idéia de que outro veja o que é meu. E você é minha, Lucy”.

Dela. O pensamento esquentou Lucy da cabeça aos pés e a envolveu em um halo de satisfação emocional afinada a seu estado físico. Tinha satisfeito seu corpo completamente. E agora seu pirata ia lhe dar o afeto que necessitava tanto como a prova de seu desejo.

Perfeito.

Era perfeito para ela, e ela era perfeita para ele, e, depois de tudo, o feitiço tinha funcionado perfeitamente bem.

OH. O feitiço.

Todo o calor aceso em Lucy a abandonou instantaneamente.

Mitch não a amava.

Nem sequer enfeitiçado ela dissera que a amava.

Na verdade não a desejava. Ele tinha tido suficiente tempo para lhe dar sinais de que a desejava, e não poderia ter interpretado mal cada sinal que lhe tinha dado para seguir adiante e avançar sobre ela, mas nunca o tinha feito. Até que o manipulou com a magia.

Foi um engano. Nunca deveria ter feito isso. Não tinha a intenção, mas lançou um feitiço sobre Mitch. E tinha que desfazê-lo, antes de que fizesse algo do qual pudesse arrepender-se.

“Lucy?”

Mitch deve ter sentido a mudança em seu corpo e sabia que algo estava mal. Ouviu a preocupação em sua voz e sentiu desejos de chorar. Ela não o merecia.

“Amor”. Ele lhe beijou a comissura da boca. “Agora não fique nervosa por mim. Não vou prendê-la em um calabouço nem lhe vou fazer nada que não queira que lhe faça. Só estou trabalhando com a lista de necessidades que me deu. Mas adicionei a fantasia exibicionista como algo extra porque parecia que você gostava. Definitivamente estava gostando, mas se quiser que eu pare, paro”.

“Quero que pare”, disse Lucy, triste, mas desejando justamente o contrário. “Sinto muito, Mitch. Isto foi um engano”.



"Um engano". Mitch ficou paralisado por um minuto e logo lhe tirou a atadura para poder olhá-la diretamente nos olhos com a luz tênue da cabine.

"De que demônios está falando, Lucy? A fiz gozar tantas vezes que perdi a conta. Quando me envolvia com suas pernas pela cintura não pensava que era um engano. O mau sexo é um engano. Quando descobre que o sujeito é casado comete um engano. Um homem que pode escolher, sem compromissos, e que te faz gozar aos gritos não é um engano, Lucy".

Estava furioso. E tinha todo o direito de estar, pensou com uma sensação de vazio na boca do estômago. "Lamento-o", disse-lhe ela outra vez, sabendo o quanto era impróprio.

"Lamenta". Olhou-a fixamente com o rosto paralisado de novo. "Então estive muito certo quando te fiz assinar, não? Teria sido um puto engano de minha parte, simplesmente confiar em você a respeito do que desejava e que não me fosse denunciar por rapto depois que lhe desse isso. Ao menos desta forma só perco é o depósito que paguei pelo navio. Não perco nem meu trabalho nem minha reputação".

Não havia nada que pudesse dizer. Olhou fixo para sua saia e retorceu as mãos, e tratou de não pensar no que tinha perdido.

Nunca o tinha tido, recordou-se.

Não era real.

Mas isso não impedia que lhe caíssem lágrimas pelas faces, em silêncio.

"Maldita seja, não chore".

Ela deixou escapou um soluço.

"Lucy". Disse seu nome com um suspiro entrecortado e a abraçou fortemente.

"Neste momento realmente queria te enforcar, mas não suporto vê-la chorar. Tampouco vou deixar que vá assim. O avião está por aterrissar. Vou levar você para casa, mas antes, vou te levar ao maldito navio e vou ter você ali até que me explique por que isto é um engano".

Voltou-lhe a colocar a atadura, adicionou uma mordaça depois de pensá-lo cuidadosamente, e quando o avião aterrissou a levou.



Capítulo seis

O balanço do navio era relaxante. Lucy estava agradecida por isso. Relaxar podia ser bom.

Mitch não havia tornado a dirigir-lhe a palavra. Depois de subi-la ao navio, tinha-a deixado na cama da cabine e se foi, supostamente para afastar-se do porto a fim de poder enforcá-la e desfazer-se de seu corpo sem testemunhas.

Quando retornou, ela deixou que lhe tirasse a atadura e a mordaça e a desembrulhasse do lençol sem nenhuma resistência. Se a queria matar, realmente não podia culpá-lo. Mas se aferrava à idéia de que Mitch era muito moderado para chegar a perder os estribos dessa forma.

Era incômodo estar nua diante dele e saber que não a desejava. Moveu as mãos para tampar-se, embora fosse um pouco tarde para fazer-se recatada.

“Baixe as mãos, Lucy. Se esta for a última vez que a verei nua, vou olhar para você até a indigestão”.

“Não deseja me ver nua”, murmurou.

“Está louca? Sou um homem e você é uma mulher de tetas grandes. Só por isso desejaria vê-la nua”.

Ela piscou. “Isso é ridículo. Nunca antes tinha desejado ver-me nua”.

“Claro que desejava. Só que nunca me animei. Não podia estar seguro de que manteria o controle e não cometeria um delito”. Mitch esfregou uma mão contra sua mandíbula, contemplando-a. “Volte a se sentar sobre a cama”.

Lucy obedeceu. Ele se sentou a seu lado e tirou a mão dela.

“Quero saber o que está se passando. E não venha me dizer que não lhe sou atraente ou que não te satisfiz sexualmente. Se disser algo assim, me forçará a lhe demonstrar de novo que somos absolutamente compatíveis no sexo”.

“É muito atraente”, assegurou-lhe. “E me satisfaz sexualmente”. Tanto era que passaria o resto de sua vida sabendo com precisão o que estava perdendo.

“Então me explique por que me está deixando pela segunda vez em menos de vinte e quatro horas. A primeira vez me disse que era porque eu não te satisfazia sexualmente. A segunda vez me diz que é porque justamente te chupei toda, e te agarrei enquanto tinha orgasmos múltiplos. O que quer de mim, Lucy? Só me diga isso e lhe darei o que você quer”.



“Não me pode dar isso”, suspirou Lucy.

“Um cacete que não posso!” Sua voz vibrante mostrava determinação. “Sou o homem que você necessita. O único para você. E você é a mulher que necessito”.

“Não”, disse ela. “Só pensa isso agora porque fiz algo terrível”.

Mitch suspirou. “Então esse é o problema. O sexo não é algo terrível, Lucy. Não é errado desejar ter sexo. Não é errado desfrutar do sexo. Tampouco é errado fantasiar comigo e brincarmos de pirata ou de fazermos sexo em uma audiência. Não deve se envergonhar pelo fato de ser uma mulher normal com necessidades naturais e sãs”.

“Eu não me envergonho”.

“Bom, então o que é?” Olhou-a exasperado.

Lucy respirou profundamente e confessou. “Enfeiticei você”.

“Claro que sim”, concordou Mitch. “Estou sob seu feitiço e eu adoraria estar sob seu corpo nu quando for sua vez de ir por cima. Podemos chegar a essa parte logo?”

“Não, Mitch, o que quero dizer é que lancei um feitiço sobre você. Não foi minha intenção, foi um acidente. Mas é por isso que age deste modo. Tudo isto é minha culpa. Sinto muito. Desfarei”.

“Lucy. Está-me deixando realmente louco. Essa é sua objeção? Que não estou aqui com voce por vontade própria?”

Ela assentiu com a cabeça.

“Está bem. Suponhamos que em realidade estou enfeitiçado por algo que não sejam suas fantásticas tetas, que de passagem lhe digo que eu gostaria de tocar de novo. Quando lançou este suposto feitiço?”

“Ontem à noite. Depois de fechar o negócio e voltar para casa. E logo você se disfarçou de ladrão e se meteu em minha casa”.

“E essa é sua evidência de que estou sob algum feitiço?”

Lucy voltou a assentir.

“Se esquece do almoço? Deixe refrescar-lhe a memória. No almoço me deixou porque tinha necessidades que eu não estava satisfazendo. Disse-me com certos detalhes no que consistiam essas necessidades. E então saiu



correndo. Nesse momento voltei para meu escritório e passei o resto do dia organizando este fim de semana para poder te satisfazer".

Ele empurrou as costas de Lucy sobre a cama e se aproximou dela. "Tenho provas, Lucy. Pode comprovar a data e o horário no lugar onde aluguei o navio. Fiz isso por volta das duas. Várias horas antes do suposto feitiço. Agora posso voltar a lhe tocar as tetas?"

"Sim", disse fracamente Lucy.

Mitch a tinha desejado sempre? O feitiço não tinha nada que ver com isso?

Fechou-lhe as mãos sobre os seios e com os polegares lhe acariciou em círculos ociosos os mamilos. "Já não vai me deixar mais, Lucy? Não acredito que possa agüentar uma terceira vez".

Ela passou a língua nervosamente pelos lábios. "Mitch, espere, há algo mais".

Ele proferiu insultos em voz alta e com violência. "O que?" rugiu, lhe massageando ainda os seios com as mãos.

Ela baixou o tom de voz, mas precisava sabê-lo.

"Ama-me?"

"Se te amo...".

Olhou-a com incredulidade.

"Devo ter feito você gozar até perder a cabeça, Lucy, porque parece que não ficou nenhum neurônio. Pensa que vou fazer tudo isto só para me deleitar com alguém?"

Ela encolheu os ombros, mas não podia ocultar a vulnerabilidade que refletiam seus olhos.

"Nunca me disse".

"Esse foi meu engano". Mitch se separou dela e se ajoelhou no piso ao lado da cama.

"Amo-a, Lucy. Não só porque cumpre todas as fantasias sexuais que tive na vida. Amo-e pelo que é por dentro, o modo como se preocupa por todos. Sinto-me bem apenas em te olhar, em apenas estar com você. Desejo-a e isso é para sempre. Quero me casar com você. Por favor, diga que sim. Mas antes disso, deve saber que se mudar de idéia e decidir me deixar outra vez, posso te processar por descumprimento de contrato".



Lucy sentiu que um sorriso lentamente lhe transformava a cara. “Descumprimento de contrato?”

“Não quero correr mais riscos. Não quero te perder, Lucy. Diga que sim”.

“Sim”.

“Graças a Deus”. Ele ficou de pé e começou a tirar-lhe a roupa de novo. “Agora se deite e abre as pernas. Este contrato se está para se consumar”.

Uma vez nu, ajoelhou-se entre suas pernas abertas e lhe passou as mãos sobre o púbis em uma carícia íntima.

“Diga que me ama”.

“Amo-o, Mitch”.

“Diga que me deseja e a ninguém mais ”.

“Desejo-o. Só você”.

“Diga que deseja ter meu pau outra vez”.

“Desejo ter seu pau outra vez”.

Colocou-lhe o dedo dentro, tirou-o, esfregou-o sobre seus clitóris, e voltou a lhe colocar o dedo dentro, acariciando-a enquanto ela ofegava e estremecia.

“Deseja agora, Lucy?”

“Sim”. Disse com um gemido baixo. Seu membro estava definitivamente pronto a para ela, grosso e congestionada. Ela o aproximou e acariciou todo o comprimento do pênis com as duas mãos.

“Sabe o que é a magia, Lucy?” Mitch foi se inclinando e se enterrou nela até o fundo, sem deixá-la responder mais que com gemidos ininteligíveis.

“É isto”.

E procedeu a demonstrar seu ponto de vista.

Quando finalmente Mitch fundamentou seu caso, Lucy se recuperou o suficiente para perguntar:

“E afinal, onde estamos?”

“Em Washington. Puget Sound”, respondeu Mitch. Agarrou-a pelos quadris e brincou com seu cabelo, retorcendo brandamente uma mecha de cachos. “Não sabia se um navio em um lago cumpriria com os requisitos de uma fantasia com um pirata, e pensei que talvez você gostasse de navegar ao redor de alguma das ilhas”.

Lucy riu. “Vestida com um lençol?”



"Poderia impor uma nova tendência de moda. Mas não, há roupa para você no armário. Conheço seu talhe e o planejei de antemão".

Quando falavam, lhe passava as mãos por todo o corpo acariciando-a como se não pudesse acreditar que realmente estava ali e que era sua para tê-la e tocá-la.

Lucy não podia acreditar.

"Temos este navio para o fim de semana?"

"Assim é".

"Não vamos nos chocar contra uma pedra nem nada, não?"

"Não. Estamos seguros. E suficientemente longe do porto para que possa gritar em seus orgasmos sem incomodar outros navegantes".

"Bem pensado". Lucy sorriu e se ajeitou mais perto dele. Logo lhe cruzou um pensamento e se sentou direita.

"Mitch, realmente fiz certo".

"Direi-lhe isso". Em sua voz se percebia a satisfação.

"Não, quero dizer, o feitiço. Realmente fiz algo certo. Magia de verdade. Você realmente é meu verdadeiro amor e é por isso que o vi no final. Pensei que não estava interessado em mim e por isso acreditei que tinha falhado outra vez".

Deu-se conta de que tinha visto a verdade na chama da vela. De que ela já tinha o que estava pedindo. Tudo o que precisava fazer era reconhecê-lo.

"Não tenho idéia do que está falando, Lucy, mas se crê que não estou interessado em você, demonstrarei que está equivocada". Mitch fez uma pausa e logo adicionou: "Em quase meia hora farei trinta e oito anos, não dezoito".

"Não tem que demonstrar nada agora". Ela se deixou cair a seu lado e o beijou como tinha desejado fazê-lo durante meses. Levou muito tempo.

E então agradeceu em silencio por não havê-lo deixado diante do altar.

Nunca estaria segura, mas acreditou sentir um leve sinal de resposta, uma pincelada de felicidade.

Talvez fosse a magia. Talvez fosse simplesmente amor. Talvez magia e amor fossem sinônimos.

Fim